

---

## Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo<sup>1</sup>

Goretti Maria FREITAS<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba

### Resumo

No cenário do rádio em Campina Grande-PB a atuação dos jornalistas esportivos foi de extrema relevância para fazer deste meio de comunicação um importante canal de divulgação do esporte, instituindo assim uma cultura de audiência muito forte. A problemática aqui investigada debruçou-se na recuperação da memória destes profissionais que atuaram (atuam) no rádio neste segmento, desvelando a importância e contribuições que prestaram para o desenvolvimento cultural e social de Campina e cidades circunvizinhas. A partir do relato de história oral construímos um conjunto de informações detalhadas sobre a atuação desses sujeitos no meio radiofônico campinense. Em sua trajetória histórica, muitos foram os que passaram pelo cenário do jornalismo esportivo na cidade, perfazendo uma média de 48 profissionais entre os mais antigos e novas gerações.

**Palavras-chave:** Rádio; narradores esportivos, Campina Grande

### Introdução

A trajetória que o rádio em Campina Grande percorreu, sobretudo no jornalismo esportivo, demonstra com clareza a importância deste meio de comunicação como um canal eficaz de cultura e formação social, fatores que resultam do empenho e da seriedade dos profissionais que trabalharam na radiofonia desde os seus primórdios.

A primeira transmissão esportiva na cidade foi realizada pela Rádio Borborema, nos anos 50, tendo como primeiro narrador o radialista Palmeiras Guimarães, transmitindo uma partida de futebol realizada no estádio Presidente Vargas.

Nomes como Ariosto Sales, Josusmá Viana, Evilásio Tenório, Nilson Farias e outros figuram com destaque entre aqueles que introduziram o radiojornalismo esportivo. A rádio Borborema que integrava o sistema dos Diários e Emissoras Associados instituiu o modelo de narração da Tupy, com um padrão de qualidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 4- Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Professora Dra. Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, gmscg@uol.com.br

---

profissional. Eram pessoas com nível intelectual mesmo sem formação acadêmica na área da comunicação.

Considerando a importância dos profissionais que triunfaram na radiodifusão em Campina, o presente artigo objetiva (re) construir a memória das vozes da radiofonia campinense baseada nas particularidades e significados pessoais dos que colaboraram para a eficácia do radiojornalismo esportivo a partir da década de 50.

Nesta perspectiva pretendemos contribuir para que as experiências vivenciadas pelos personagens do rádio campinense na área do esporte e mais especificamente do futebol se legitimem e se perpetuem a partir das narrativas dos sujeitos que fizeram do rádio um instrumento eficaz para o crescimento da sociedade local.

A importância deste estudo se fundamenta na necessidade de se registrar as contribuições das vozes da radiofonia, tendo em vista que a trajetória do rádio em Campina Grande está registrada em pesquisas fragmentadas, demonstrando a escassez de trabalhos que analisam esta temática.

Através de uma abordagem que articula técnicas e conceitos, o estudo é de natureza qualitativa. Por meio da técnica da história oral realizamos entrevistas, priorizando as narrativas, trajetórias, relatos de situações, fatos e acontecimentos dos sujeitos entrevistados, levando-se em consideração as singularidades que marcaram a atuação desses profissionais dentro uma conjuntura histórica e social da época, através do método da história oral.

Como ressalta Thompsom (2002) “A história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos”. (THOMPSOM, 2002 p.16).

Ainda como recurso metodológico utilizamos a etnografia que nos permitiu interagir diretamente com os entrevistados em sua vida cotidiana e nos ajudou a compreender melhor suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos durante as entrevistas. Conforme reitera GEERTZ (1997), explorar as ações e os sentidos dos pesquisados é respeitá-los como sujeitos ativos, e não tratá-los como objetos de investigação.

Realizamos ainda um levantamento dos principais nomes que triunfaram no rádio campinense através de pesquisa documental, acervo sonoro e por meio de fontes orais de profissionais e ouvintes que estão vivos e que puderam atestar a participação.

---

Em sua trajetória histórica, muitos foram os que passaram pelo cenário do jornalismo esportivo na cidade de Campina Grande perfazendo, uma média de 48 profissionais entre os mais antigos e novas gerações.

### **O Radiojornalismo Esportivo no Brasil**

As primeiras narrações esportivas do rádio brasileiro aconteceram já na década de 40 com as transmissões das corridas de cavalo. Posteriormente com a evolução do futebol, foram introduzidas informações sobre os eventos esportivos, o que ainda não se configurava como modelo de transmissões narradas. Com a evolução do meio, principalmente no que se relaciona ao aspecto técnico, inovações foram sendo introduzidas nos momentos de transmissão de eventos esportivos. No cenário nacional Ary Barroso se destacou como um dos primeiros locutores esportivos, usando sua gaita como efeito sonoro dentro da sua narrativa.

O radiojornalismo esportivo foi ingressando-se como novidade e ao mesmo tempo conquistando seu espaço, isto é perceptível desde as primeiras transmissões que o rádio fez a exemplo das corridas de Turfe<sup>3</sup> nos anos 1930, uma das principais atrações esportivas da época. Posteriormente o futebol se popularizou e foi considerado um fenômeno cultural, inserindo-se na sociedade e alcançando um elevado índice de audiência.

Devido a essa popularização as emissoras de rádio passaram a investir na criação de programas produzidos especificamente para a área esportiva, onde se comentavam lances que aconteciam nas partidas, escalações, informações sobre os jogadores. Essa maneira de apresentar o radiojornalismo esportivo para o público possibilitou uma aproximação e intimidade entre ouvinte e o veículo, criando uma empatia que se transformava em sentimentos de emoção. A figura do locutor foi fundamental para a descrição e efeitos emotivos realizados nas transmissões.

É o que nos explica Soares (1994)

Ao longo dos anos, o Rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a

---

<sup>3</sup>Turfe: Pode ser definido por corridas de cavalos, conduzidos por um jóquei, sempre realizadas em pistas ovais, de grama ou areia. Cada cavalo corre em uma raia. No Brasil, as primeiras corridas de cavalos foram organizadas na década de 1810, na cidade do Rio de Janeiro, nas areias da Praia de Botafogo.

---

narração em grandes espetáculos que chegam a superar a realidade.  
(SOARES, 1994, p. 13)

Em 1938, foi realizada a primeira transmissão esportiva brasileira com a copa da França. Nesse período o rádio já era responsável por todas as informações repassadas para os torcedores a respeito da seleção brasileira. O narrador que mais fez história no rádio brasileiro foi Gagliano Neto, responsável por toda a transmissão da copa do mundo para o Brasil. Se destacou também pela interação com os jogadores da seleção brasileira, o que facilitou bastante para que suas narrações fossem mais detalhadas e aproximassem o ouvinte e os atletas de futebol brasileiro.

A presença desse veículo massivo no meio esportivo oportunizou ao ouvinte a chance de uma interação com uma comunicação precisa e objetiva. Segundo Guterman (2009), os locutores tinham uma participação decisiva para que isto acontecesse.

A criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio deram outra dimensão ao futebol. O esporte, que já era popular, tornou-se um ser vivo pulsante. Ou seja; em certos casos, o jogo era mais emocionante no rádio do que ao vivo, e isso ajudou a transformar os narradores de futebol em verdadeiras celebridades. (GUTERMAN, 2009, p. 74)

Percebendo a popularidade do rádio junto ao segmento esportivo, as emissoras começaram a investir na produção de programas do gênero, o que permitiu uma expansão dos profissionais da área nas redações.

As transmissões esportivas se expandiram de tal maneira que a audiência se tornava incontestável, a busca por equipes qualificadas e equipamentos mais avançados permitiam ao ouvinte um gosto pelo esporte, despertando assim uma aceitação popular.

.Na atualidade o jornalismo radiofônico tem sofrido mudanças como forma de otimizar as suas produções e apresentação do conteúdo. Não se ouve mais reportagens longas, narrações pausadas ou comentários extensos no rádio. Para Barbeiro (2006), o jornalista esportivo deve está atento e preparado para desempenhar diversas atividades.

O jornalista esportivo está imerso em nova era, de novas tecnologias, nova organização das empresas, enfim em nova realidade que os especialistas chamam de capitalismo informacional. Assim dentro do período pelo qual foi contratado, o jornalista tem de apurar, escrever, falar, apresentar, participando assim de todas as etapas. (BARBEIRO, 2006, p. 34)

---

## **Reconstruindo a história por quem fez história**

Campina Grande, localizada a 130 km da capital João Pessoa-Pb tem uma população atual de 410 332 mil habitantes, é reconhecida como importante pólo tecnológico da América Latina. Segunda maior cidade do estado é referência na área da educação e cultura.

Atualmente 12 emissoras de rádio estão sediadas na cidade, sendo 9 comerciais e 03 comunitárias. Duas ainda operam pelo AM embora uma delas (Caturité) esteja em processo de migração para o FM. A programação se estrutura a partir do entretenimento e jornalismo com destaque para o segmento esportivo.

As primeiras transmissões radiofônicas aconteceram em 1936 através de sistemas de alto falantes. As emissoras surgem na era de ouro do rádio brasileiro, o que acentua a programação criativa e diversificada das rádios pioneiras da cidade. O início do rádio campinense propriamente dito já se inicia respaldado por grandes nomes, que faziam com que um “mundo maravilhoso” fosse transmitido pelas ondas da radiodifusão. A Cariri foi a pioneira, fundada em 1949, vindo em seguida as Rádios Borborema e Caturité.

O esporte sempre foi considerado uma marca cultural forte que agradava a qualquer público e interagia com a sociedade de maneira significativa e o rádio foi um meio eficaz para a difusão da cultura esportiva. Em Campina Grande as emissoras de rádio na época introduziram as transmissões esportivas principalmente futebolísticas e uma figura importante foi o locutor Amaury Capiba, que era o responsável por transmitir as partidas de futebol, instigando os ouvintes principalmente nos clássicos paraibanos.

Em 1958, Ariosto Sales, narrador esportivo de voz vibrante e peculiar fazia dupla com o cronista Josusmá Viana, um comentarista objetivo e defensor do bom futebol, que ressaltava durante suas narrativas os acertos e erros estratégicos da equipe e de cada jogador. A dupla trazia a sintonia e tenacidade necessárias para cativar os ouvintes. O público gostava e reproduzia os comentários esportivos, observando a boa qualidade das informações que lhes eram oferecidas por estes profissionais.

Muitas dessas conversas aconteciam no ‘Calçadão da Cardoso Vieira’ ponto de encontro frequentado até hoje por quem gosta de comentar sobre o futebol em Campina Grande.

---

Disputado pelas emissoras Borborema e Caturité, Josusmá Viana trabalhou com outros grandes nomes, como Joselito Lucena, a quem ele se refere como “a voz mais espetacular do rádio paraibano”.

O Professor e jornalista-radialista Gilson Souto Maior com brilho no olhar recorda as transmissões esportivas. Ainda garoto ouvia seus dois grandes ídolos: Geraldo Rodrigues, locutor esportivo da Rádio Caturité e Palmeira Guimarães, o primeiro narrador esportivo da Rádio Borborema, considerado um dos maiores radialistas do estado da Paraíba. “Parece que ainda hoje escuto aquelas duas vozes que me empolgavam mesmo eu sendo ainda muito criança”. ( SOUTO MAIOR, Ent. realizada em março 2016)

Joselito Lucena pelo seu estilo irreverente de narrativa consagrou-se como uma das maiores referências do jornalismo esportivo paraibano. Por suas mãos passaram grandes nomes que igualmente triunfaram no âmbito do jornalismo esportivo. Seus ensinamentos sempre muito rigorosos formaram muitas gerações de locutores profissionais, a exemplo do narrador Antonio Alberto de Queiroz.

“Baiano” para os íntimos, é uma lenda na narração esportiva da Paraíba. Trabalhou na Borborema muitos anos, até que na década de 90 trocou de prefixo, mudando-se para a Rádio Caturité. Sempre resistiu a qualquer convite para deixar Campina Grande, e não foram poucos. Rádios de Recife, Bahia e até São Paulo tentaram levá-lo, sem sucesso.

Seguidor da escola de Fiori Gigliotti<sup>4</sup> apresentava com precisão e estilo inconfundível. Fez dupla insuperável com o comentarista Humberto de Campos, também falecido. Tinha predileção pelo Campinense, mas nada que prejudicasse sua isenção no exercício da radiofonia.

““““ Para o Souto Maior (2016), Joselito Lucena foi “o maior narrador esportivo de Campina Grande” Foi o professor de todos nós, como narrador esportivo”. (SOUTO MAIOR, Ent. realizada em março2016)

Joselito começou como comentarista, levava um gravador para todos os treinos do Treze e do Campinense e começava a gravar. Fez isso em vários estádios, para aprender a narrar. E, curiosamente, quando teve a primeira oportunidade como narrador,

---

<sup>4</sup> Grande radialista e locutor do esporte brasileiro, com locução carregada de emoção e jargões que são usados até o dia de hoje.

não conseguiu fazer uma boa apresentação. Defendia que para ser um bom narrador esportivo era necessário ter boa visão.

O radialista desenvolveu uma capacidade enorme de distinguir jogadores. Ele brincava: “Pode colocar um time de japonês todinho, que eu consigo identificar cada um”. Era uma figura agradável e pitoresca.

Foram mais de 50 anos dedicados ao futebol. De domingo a domingo fazia do microfone seu inseparável instrumento de trabalho. Participou da primeira transmissão radiofônica do Estádio Ernane Sátiro, conhecido como ‘O Amigão’, em Campina Grande, juntamente com Alberto de Queiroz e Chico de Assis. Nas cabines, ainda de madeira, chegavam às 9 da manhã e começavam a trabalhar para um jogo que seria transmitido a partir das 15 horas.

As emissoras não transmitiam apenas as jornadas esportivas, instituía na sua grade outros programas, como as resenhas esportivas. A Borborema, por exemplo, além de ter a resenha de meio dia e do horário da noite ainda veiculava o programa *Tiro de Canto*, que era um programa transmitido pela manhã, apresentado por Edvaldo Gouveia.

O programa *rádio Esportes Borborema*, especial dos sábados, por exemplo, abria espaços para a discussão do futebol. Participavam dirigentes de clubes, atletas e radialistas. Posteriormente passou a ser veiculado às segundas feiras à noite.

Como comentarista esportivo no cenário do radiojornalismo campinense destacaram-se nomes como: Haroldo Lessa, Ari Ribeiro, Francisco de Assis Nascimento, popularmente conhecido como Olé, Edmilson Antonio e, igualmente o saudoso Humberto de Campos que, na opinião de muitos se consagrou como o maior comentarista esportivo da época.

Há que se ressaltar também o papel dos plantonistas que integravam a equipe, do estúdio e atualizava ao vivo os resultados dos jogos no cenário nacional. Edvaldo Gouveia desempenhava de forma magistral essa função.

Nos anos 50, ainda era grande a precariedade para se transmitir um jogo pelo rádio, o processo era totalmente analógico. Para realizar uma transmissão de um estado para outro, o locutor tinha que reservar uma linha telefônica com até 6 meses de antecedência e também precisava levar um auxiliar exclusivamente para puxar o fio<sup>5</sup>. Quem perdesse a linha, sobrava e tinha que retransmitir pela emissora rival.

---

<sup>5</sup> Havia uma maleta de transmissão, com fios pesados. Eram mais ou menos 500 metros de fio.

---

Os relatos da rotina jornalística daqueles tempos dão conta de que havia aquele cuidado em produzir. A máquina de datilografia preparava o roteiro das resenhas que seriam apresentadas nos dias de treinos ou jogos, isso foi feito repetidamente ao longo dos anos. Com os avanços tecnológicos e a conseqüente chegada do computador a produção das resenhas sofreu mudanças. As emissoras se encontravam no momento de aproximação da chegada do Windows DOS, dos microcomputadores.

Nos anos 1960, com uma tecnologia um pouco mais evoluída, porém, ainda contando, de um modo geral, com os recursos analógicos, a rotina do locutor esportivo abria espaço também para ao esporte amador. Na entrada da Rádio Borborema, por exemplo, havia uma urna de madeira onde eram depositados os resultados dos jogos amadores acontecidos no fim de semana, como também a escalação dos times de várzea<sup>6</sup> ou times de bairro para os próximos jogos. Mas as condições técnicas ainda eram sofríveis. Não havia uma mesa em estúdio com recursos que permitisse dar efeito à voz do locutor, adicionar um eco, ou cortar e regravar. Era ter coragem gravar.

Com saudosismo Adalberto Alves relembra que de 1960 à década de 90, “era gostoso fazer rádio. Era o rádio de verdade, com monstros sagrados do microfone.” (ALVES, 20016)

O aspirante a locutor esportivo era encarregado de coletar e selecionar os informes. Havia um rigor muito grande no preparo desse profissional, ele era treinado quanto à coleta da informação, a produção da notícia, edição e não gravava a notícia. A rotina era da coleta à máquina de datilografia. Só quando passava a ser repórter usava o gravador. No momento da gravação um locutor profissional aparecia e colocava voz. Muitos aspirantes passavam de 6 meses a 1 ano sendo supervisionados por locutores mais experientes.

Naquele tempo, para você ser um locutor da rádio tinha que ter dicção, saber pronunciar uma palavra correta para o ouvinte e eu tive que passar 1 ano estagiando. E eu fazia o seguinte: no estádio, eu levava o gravador para o campo, fazia as entrevistas, gravava toda a narração de Joselito Lucena. Em casa, eu me trancava no quarto ou no banheiro, ouvia a narração de Joselito e quando ia entrar o repórter de campo, eu desligava e fazia a reportagem no lugar dele. E as resenhas, para aprender, eu lia os jornais, ouvia e fazia novamente, esperando o meu momento de entrar no rádio. Tudo isso era acompanhado por Joselito

---

<sup>6</sup> O futebol de várzea é aquele praticado nos campos de bairros, vilas e favelas, que não possui nenhuma estrutura.



---

Lucena. Eu não pegava no microfone. Eu era o ‘recado’, quem pegava as escalações. Tudo isso esperando a grande oportunidade, que veio num jogo entre Campinense X Nacional de Patos, chovendo torrencialmente. Eu estava pronto para um casamento de roupa social, mas Zelito disse;” Você vai entrar hoje!” E assim foi. Entrei em campo, todo molhado e criei uma dinâmica que me acompanha até hoje: a de levar o jogador para a torcida fiz isso naquele dia em 1975 e até hoje o faço, como Repórter Titular de minha equipe. (ALVES, Ent. realizada em abril 2016)

O processo entre ser escolhido e chegar a narrar um jogo ou fazer uma locução durava mais tempo e apresentava mais cuidado. Era uma realidade que levava em conta a qualidade do narrador esportivo. E este fator é apontado por muitos profissionais da área como sendo uma das razões que abalam a qualidade do jornalismo esportivo nos dias atuais.

O próprio Joselito Lucena utilizava desses processos acima citados. Narradores que passaram por suas mãos exaltam esse rigor maior, esse olhar mais apurado em direção ao talento que despontava e à técnica que precisava ser praticada. Com ele à frente da equipe esportiva não havia dois pesos e duas medidas. O próprio filho, Rostand Lucena, hoje narrador esportivo, ressalta esta experiência:

Meu pai sempre me incentivou. Quando vi que eu ia enveredar pelo rádio mesmo, meu pai disse: ‘Olha, pega um gravador’, como sempre eu ia ao estádio, ‘pega, se tranca numa cabine, faz aí, e depois eu vou analisando’(LUCENA, Ent. realizada em abril 2016)

Nos anos 80, as condições técnicas davam indícios de progresso, emissoras como a Borborema investia em equipamentos e estrutura. Não havia ainda o uso de microfones sem fio, mas o grande sucesso era o ‘handtalk’, rádio de comunicação utilizado pelos repórteres. Era difícil utilizar tais equipamentos, seja pelo tamanho ou pelo peso, dificultando a ação do repórter esportivo, como constatamos na fala de Lucena:

Tinha um gravador na Rádio Borborema, a gente chamava de ‘o piano’. Ele era bem grande, com as teclas pretas... aí a gente chamava: ‘Me dá o piano!’ Era um gravador grande, naquela época não tínhamos microfone sem fio e aí a dificuldade, era outra realidade (...) Quanto ao handtalk, naquela época ele era todo de ferro pesado. Às vezes, quando os repórteres entrevistavam um diretor ou um jogador, e se fosse um cara bom de papo, como era muito pesado, a mão começava a

---

tremer. A gente começava a tremer tal... a gente mudava de mão, era realmente bem mais difícil. Era bem mais complicado que hoje.” (LUCENA, Ent. realizada em abril 2016)

Os profissionais do radiojornalismo esportivo na época eram bem estimulados e ao mesmo tempo valorizados pelo seu desempenho. Havia a contra partida do comércio e da indústria no patrocínio das equipes esportivas que eram bem pagas e viviam do salário que recebiam das emissoras, ao ponto de algumas darem ‘luvas’, para tirar o profissional de uma rádio para outra.

Tal fato aconteceu com o jornalista Paulo Roberto, que cresceu repentinamente na narração esportiva, atuava pela rádio Caturité e recebeu uma “luva” para se transferir para a Borborema. Luiz Aguiar, então- diretor superintendente da Rádio Borborema dos Diários e Emissoras Associados, em Campina Grande, deu como ‘luvas’ ao Paulo Roberto um carro, para que ele pudesse assinar a carteira de trabalho como narrador esportivo da emissora. (SOUTO MAIOR, Ent. realizada em março 2016)

Atualmente as emissoras atravessam na Paraíba um momento difícil com o seu departamento esportivo sendo constituído por terceirizados. As cotas pagas são pequenas, desencadeando uma queda sistemática na cobrança de valores para patrocínio, isso pela falta de adesão dos seguimentos do comércio e da indústria. Nesse sentido, novos modelos de negócios se exercem como forma de subsidiar as produções do jornalismo esportivo, seja através das transmissões de jogos ou na produção de programas do gênero. Diante deste contexto os profissionais da área passam a atuar não apenas na prática jornalística, mas também como contatos, arregimentando anúncios.

No tocante à produção jornalística, atualmente tanto os narradores como os jornalistas esportivos procuram inovações aos seus textos , com novas dinâmicas de entrevistas mais interativas e narrações dinâmicas e permeadas por emoções.

Tal realidade não retira, entretanto, a inclusão cada vez mais ascendente de programas esportivos sendo veiculado, fato que ratifica a importância do rádio na difusão do esporte. As emissoras comerciais campinenses mantém viva a tradição das resenhas esportivas ou de programas de debates que se estruturam na perspectiva de discutir sobre o jornalismo esportivo local e no mundo. Tais programas são veiculados geralmente ao meio dia ou semanalmente no horário noturno. As transmissões esportivas ganham destaques às quartas e domingos e se ampliam com a interação do ouvinte que promovem o debate.

## **Da relação locutores / narradores/ouvintes**

A presença do rádio no meio esportivo oportunizou ao ouvinte a chance de uma interação com uma comunicação precisa e objetiva. Os narradores esportivos simbolizam para os ouvintes verdadeiros ícones da realidade social, funcionam como olhos e voz para quem os prestigia com sua audiência e estimulam a criatividade e a paixão pelo futebol. Essa relação construída pelas ondas do rádio representa a cultura esportiva de forma viva, real e concreta.

Os entrevistados desta pesquisa relatam a um mesmo tom, a importância da construção de uma convivência saudável, sincera e comprometida com o público ouvinte.

Nas palavras de Souto Maior (2016), a relação com o público era e continua sendo muito importante. O narrador esportivo é muito respeitado pelo ouvinte que escuta rádio e acompanha futebol. Ontem, como hoje, a palavra, a fala de um comentarista e a narrativa de um locutor esportivo, tudo isso é muito respeitado pelo ouvinte.

O locutor esportivo, pela grandiosidade que representa os instantes de narrar o jogo, ele emociona não apenas aquele que está com o radinho no ouvido dentro do estádio, ele emociona muito mais aquele que está com o rádio no ouvido em casa, porque ele cria imagens. Parece que os ouvidos são verdadeiros digamos, televisor. O ouvinte 'vê pelos ouvidos' o lance. Imagina o lance como se estivesse no estádio. Por isso, pela força da palavra, também, do comentarista, esses dois elementos: comentarista e narrador, e vamos incluir também o repórter de pista, eles são sempre bem vistos e acreditados pelo público esportivo. (SOUTO MAIOR, Ent. realizada em março 2016)

Grandes nomes do rádio campinense reforçam essa postura de objetividade e verdade no fazer jornalístico e do contato com o ouvinte. Esta é uma tradição que se construiu ao longo do tempo, na década de 50, o narrador esportivo tinha ares de celebridade, eram esperados na saída das emissoras, mais especificamente das rádios Borborema e Caturité, para autografar retratos e dar autógrafos junto com os atores das rádio novelas. A construção do mito junto ao público dava-se pela narração sedutora, vibrante, capaz de prender a atenção de quem estava ao pé do rádio e nem sentia passar

---

os 90 minutos de jogo. Eram as vozes do rádio, do futebol, da alegria de narrar o jogo. No relato do comentarista Josusmá Viana, essa verdade para com o ouvinte aponta uma das qualidades essenciais para uma boa narrativa esportiva:

Sejam verdadeiros, honestos. Não falseiem a verdade, que a mentira tem perna curta. Não tentem enganar o ouvinte. Ele sabe mais do que a gente e sabe quando você exagera. E o ouvinte de hoje, está cada vez mais exigente, devido aos avanços tecnológicos. Barrigadas acontecem no rádio, no jornal e em qualquer lugar, mas sejam verdadeiros que os resultados aparecem.”(VIANA, Ent.realizada em março de 2016)

O ouvinte apaixonado por futebol não abre mão em acompanhar a locução e os comentários de sua equipe favorita. Criam-se laços de confiança e verdade. Seja durante o intervalo do jogo, ou com a bola rolando e até mesmo depois do apito do juiz, o rádio-ouvinte aguarda as considerações de quem foi ao estádio ‘com ele’, de quem, mesmo através de um equipamento portátil como o velho radinho de pilha ou o mais moderno celular, lhe transmitiu para além da narrativa esportiva: conversou com o ouvinte, elucidando suas dúvidas e lhe instigando a imaginação.

Os relatos de ouvintes de jogos narrados em Campina Grande dão conta dessa cumplicidade. Quando a bola está em jogo, a narração vibrante leva a crer que a bola está em cima do gol. Exige-se do narrador esportivo uma dinâmica criativa, objetiva e verdadeira, que envolva o ouvinte de tal modo, que ele embarque na descrição do lance em acordo com todos os detalhes que lhe são fornecidos no momento exato, o “Just time”. Os relatos do ouvinte Laércio Almeida referendam tal assertiva:

As vozes de Joselito Lucena, Edmilson Antonio e Carlos Alberto eram muito ouvidas aqui em Campina Grande. Eram grandes locutores e faziam muitas transmissões. Sempre ouvi futebol pelo rádio e, até hoje, acompanho as transmissões pelas rádios Borborema e Caturité. Os jogos mais emocionantes, sem dúvida, são os clássicos. Quando Treze e Campinense jogam, as narrações nos deixam motivados, emocionados. Tanto naquela época como hoje, há bons narradores esportivos. A emoção continua a mesma. Eu gosto quando o narrador é sincero em suas narrativas, relatando o que realmente aconteceu durante a partida, os fatos, os erros. E como se a gente estivesse ali presente. Os locutores são os olhos do ouvinte. (ALMEIDA, Ent. realizada em junho 2016)

Muitas vezes, o hábito de acompanhar os jogos de futebol pelo rádio é transmitido de pai para filho, ou filha. Hoje, os ouvintes mais jovens preferem ouvir a

transmissão pelo FM, apontando para uma rápida finalização e sem muitas entrevistas ao final. Com o advento das redes sociais, esse ouvinte busca a informação compartilhada em sites, blogs e nas páginas online das próprias emissoras, podendo aprofundar ali, a seu tempo, os comentários e a troca de ideias sobre o jogo.

Geovanna Teixeira do Nascimento, natural de Campina Grande, relata sua história peculiar com o radiojornalismo esportivo

Eu sempre ouvi jogos através do rádio. Na casa de meus pais, era o ritual do domingo: A TV ligada e o rádio também. Meu pai sempre torceu pelo Vasco da Gama e o Treze, então torcia por um via TV e por outro pelas ondas do rádio. Estar no estádio é bom para todo o torcedor, porém em alguns lances há dúvidas e com o rádio nos sentimos melhor informados do que realmente se passa no gramado. Estar em casa e apenas ouvir o rádio é um verdadeiro exercício para a imaginação. O narrador é quem nos guia. A gente só imagina como as coisas estão acontecendo e se deixa guiar através da imaginação dos narradores. (NASCIMENTO, Ent. realizada em junho 2016).

### **Algumas Reflexões**

O presente trabalho possibilitou a reconstrução e a legitimação das experiências vivenciadas pelas vozes da mídia radiofônica em Campina Grande, permitindo que as lembranças destes profissionais adentrem na memória coletiva e histórica do município.

A riqueza dos relatos no campo da oralidade nos possibilitou resgatar a visão e a construção de uma época áurea, de grandes locutores e comentaristas esportivos que além do talento e da sensibilidade, não dispunham de modernas tecnologias.

A pesquisa nos permitiu antever o quanto os profissionais do rádio contribuíram para o progresso cultural da cidade pelo conteúdo qualitativo produzido nos programas da época.

A popularidade do rádio em Campina se constituiu graças o empenho dos profissionais que trabalharam na radiodifusão na cidade. Os “sujeitos” do rádio constituíam verdadeiros laços afetivos para com o público ouvinte. Tanto locutores como os sonoplastas, produtores e diretores artísticos eram responsáveis pela massiva e afetuosa receptividade da população para com a mídia sonora local.

A relação do ouvinte com esses profissionais na época era muito forte, eles se consagravam como verdadeiros ídolos das torcidas e dos ouvintes de rádio. Eles visitavam as emissoras só para conhecer esses personagens, isso pela empatia que se estabelecia entre ou ouvintes.

Produzir programas esportivos significava marca de audiência e garantia de faturamento para a emissora, que sabia explorar muito bem o espaço, através da contratação de grandes nomes da radiofonia especializada. A experiência desses profissionais vocacionados fez do esporte o carro chefe das programações, mesmo com as dificuldades técnicas da época.

A relação do rádio campinense com o esporte hoje continua muito atuante, graças ao exemplo deixado por aqueles que triunfaram no cenário radiofônico. Foram responsáveis pelo atual estágio do desenvolvimento do futebol na cidade, porque eles cobravam muito dos dirigentes de então para que o esporte se modernizasse. Inquestionavelmente suas contribuições sedimentaram a base e a estrutura atual dos que fazem o radio jornalismo esportivo na contemporaneidade.

As facilidades atuais de se deslocar até o estádio, acompanhar pela televisão ou pelas novas tecnologias não diminuíram ou afetaram a importância que o rádio desempenha culturalmente falando para com o esporte, pois o ouvinte gosta de vivenciar a emoção de ouvir, por exemplo, o grito de “gol”, acompanhar lances que possam passar despercebidos e o rádio se mantém pulsante nesta característica.

### **Referências bibliográficas**

BARBEIRO, H RANGEL. P. **Manual do Jornalismo esportivo**. São Paulo, Contexto, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. in SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. Campina Grande: EDUFCEG/EDUEP, 2006.

FERRARETO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história de maior expressão popular do país.** São Paulo: contexto, 2009

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Vértice: São Paulo, 1990.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A cultura popular e revisitada.** São Paulo: Contexto, 1994.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O Rádio esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994.

SOUTO MAIOR, Gilson. **Rádio: história e radiojornalismo.** João Pessoa: A União, 2015.

THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade.** Revista História Oral, nº5, Junho de 2002.

### **Entrevistas**

CARLOS, Joel. Entrevista realizada em Agosto de 2011

BARBOSA, Luis Aguiar. Entrevista realizada em Abril 2015

SOUTO MAIOR, Gilson. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016.

VIANA, Josusmá. Entrevista realizada em Março, 2016.

LUCENA, Rostand. Entrevista realizada em Junho, 2016.

ALVES, Adalberto. Entrevista realizada em Julho, 2016.

VASCONCELOS, Laercio Almeida de. Entrevista realizada em Abril, 2016.

NASCIMENTO, Geovanna Teixeira. Entrevista realizada em Agosto, 2016.